

**Organizadora:**  
Fernanda Lúcia de Jesus Vieira

# Relatos de discriminação racial **pela perspectiva** dos estudantes e educadores

**do IFF Campus Santo Antônio de Pádua:  
reflexões para a promoção da inclusão  
e da cidadania.**



Relatos de discriminação racial pela perspectiva dos estudantes e educadores do IFF Campus Santo Antônio de Pádua: reflexões para a promoção da inclusão e da cidadania © 2024 by Fernanda Lúcia de Jesus Vieira; Edivânia Maria Gourete Duarte; André Narvaes da Rocha Campos is licensed under [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

ISBN n° 978-65-01-13857-2

DOI: [10.5281/zenodo.13686050](https://doi.org/10.5281/zenodo.13686050)

Relatos de discriminação racial pela perspectiva dos estudantes e educadores do IFF Campus Santo Antônio de Pádua: reflexões para a promoção da inclusão e da cidadania [produto educacional]. / Organizadora: Fernanda Lúcia de Jesus Vieira. \_\_\_\_\_ Rio Pomba : Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba, 2024. 20p. : il., color.

E-book.

1. Racismo. 2. IFF – Campus Santo Antônio de Pádua. I. Vieira, Fernanda Lúcia de Jesus (Org.). II. Duarte, Edivânia Maria Gourete. III. Campos, André Narvaes da Rocha. IV. Título.

CDD:305

**Título:** Relatos de discriminação racial pela perspectiva dos estudantes e educadores do IFF Campus Santo Antônio de Pádua: reflexões para a promoção da inclusão e da cidadania.

**Autores:** Fernanda Lúcia de Jesus Vieira  
Mestranda do ProfEPT  
IF Sudeste MG

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Edivânia Maria Gourete Duarte  
Doutora em Solos e Nutrição de Plantas  
IF Sudeste MG

Prof. Dr. André Narvaes da Rocha Campos  
Doutor em Microbiologia Agrícola  
IF Sudeste MG

**Ilustrações:** Glaucon José Padilha Vieira Filho

**Design e Diagramação:** Vanessa dos Santos Carvalho

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>3</b>
<b>O que esperar deste e-book</b> .....	<b>4</b>
<b>Episódio 1</b> .....	<b>5</b>
<b>Episódio 2</b> .....	<b>6</b>
<b>Episódio 3</b> .....	<b>7</b>
<b>Episódio 4</b> .....	<b>8</b>
<b>Episódio 5</b> .....	<b>9</b>
<b>Episódio 6</b> .....	<b>10</b>
<b>Episódio 7</b> .....	<b>11</b>
<b>Episódio 8</b> .....	<b>12</b>
<b>Episódio 9</b> .....	<b>13</b>
<b>Episódio 10</b> .....	<b>14</b>
<b>Episódio 11</b> .....	<b>15</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>16</b>

# Introdução

Este e-book é baseado em relatos de um grupo diverso de estudantes e educadores que participaram do projeto de pesquisa de mestrado do ProfEPT “Os Estereótipos Raciais e a Discriminação no Ambiente Escolar: Um olhar sobre as desigualdades sociais.” e compartilharam suas vivências e percepções sobre a discriminação racial no âmbito da educação.

As histórias a seguir podem ser usadas para uma reflexão sobre a discriminação e os estereótipos na escola, com o objetivo de promover mudanças comportamentais, trazer conhecimento sobre a temática e ir em busca de uma escola sem as amarras do preconceito, tornando-a um lugar de construção de conhecimento e formação cidadã. Além disso, os estudantes poderão se reconhecer nos diversos personagens, contribuindo para a reflexão da temática.

Os nomes dos personagens desse e-book são fictícios para preservar a privacidade dos estudantes e dos profissionais de educação envolvidos nos relatos.

Em cada um dos relatos, você será convidado a fazer as seguintes perguntas: em que medida esse relato reforça os estereótipos raciais e discriminatórios? Que processos levaram à construção desta situação? Qual seria meu comportamento ao presenciar estas situações?

## **O que você pode esperar deste e-book?**

- Facilitar o acesso a um conteúdo que poderá ser utilizado para a promoção da educação antirracista;
- Expor e tratar da utilização de comportamentos que reforcem os estereótipos e o preconceito;
- Compartilhar narrativas baseadas em relatos reais de estudantes e profissionais de educação que sofreram ou presenciaram atos racistas;
- Contribuir com a formação cidadã de estudantes a partir de reflexões baseadas em episódios de discriminação racial.

## Episódio 1: Meu lugar de fala

Meu nome é Fernanda Lúcia de Jesus Vieira, mulher negra, filha de uma mulher também negra (mãe solo).

Meu trabalho como professora negra é extremamente valioso e tem um impacto bem significativo em muitos aspectos da educação e na formação de cidadãos, porém essa experiência também traz muitos desafios.



Assim, posso me tornar um modelo positivo e inspirador para meus alunos, especialmente para aqueles que se veem refletidos em mim. Minha presença pode ajudar a quebrar estereótipos e a promover a autoestima e a ambição entre os alunos de diferentes origens.

Este e-book nos ajudará a entender melhor as práticas racistas e seus efeitos. Muitas histórias e perspectivas foram compartilhadas por pessoas que enfrentaram o racismo. Ler sobre essas experiências pode oferecer uma visão mais profunda e empática. Além disso, pode nos fortalecer para que possamos apoiar movimentos e iniciativas que buscam combater o racismo.

## Episódio 2: Cabelo no sorvete

Alex estuda e trabalha em uma sorveteria no turno da noite para ajudar sua família com as despesas da casa. Menino consciente de sua importância na comunidade. Na sorveteria, Alex atendia o público e chamava atenção por sua boa comunicação e pelo seu cabelo sempre com dreads.

Chegou na sorveteria em uma noite bem quente, uma senhora branca com cabelos loiros, acompanhada por uma menina que parecia ser sua neta. Esta senhora pediu um sorvete e Alex a orientou a se servir. Minutos depois, ela o questionou por um cabelo no sorvete. Alex por sua vez, foi verificar tal fato e constatou que realmente havia um cabelo.



Rapidamente a senhora começou a gritar e dizer que o cabelo era de Alex. Com muita calma, ele a mostrou que o cabelo era loiro e que não poderia ser dele. A senhora muito alterada, o xingou, dizendo que o cabelo dele parecia uma aranha. Disse também que seu cabelo era sujo, não parecia de gente e que por isso ele não poderia estar trabalhando naquele local. Apesar de seu tom de pele claro, os seus fenótipos negros, como cabelos crespos o colocaram numa situação de discriminação.



## Episódio 3: O olhar de um homem branco sobre o racismo na Educação

Egídio, em seu curso de mestrado em sociologia se deparou com uma turma de pessoas com muita consciência sobre preconceito, racial, de gênero etc.



Para Egídio, o combate ao racismo é dever de todas as pessoas, independente de sua raça. Por ser uma pessoa branca reconhece seus privilégios e em sala de aula tenta dar voz as pessoas que sofrem o preconceito racial.

Em um debate sobre violência policial em seu mestrado ouviu uma grande atrocidade contra a população negra. Uma mestranda disse que a polícia tem que matar mesmo porque eles (os negros) não são inocentes. A fala causou uma revolta muito grande entre o professor e os outros estudantes.

A mestranda foi convidada a se retirar da sala até que tudo se acalmasse. Ninguém estava preparado para ouvir uma fala tão absurda, carregada de preconceito.

## Episódio 4: Preconceito velado

Hector se autodeclara pardo, mas acredita que não sofre preconceito explícito por ter cabelos lisos e ser jogador de futebol. No entanto, relatou que já presenciou muitas brincadeiras de pessoas com atitudes racistas.

Quando não tinha letramento racial, achava que não era legal tal tratamento, porém, não esboçava nem um gesto contra. Ele pensava não sofrer preconceito porque é jogador de futebol e por seu pai ser muito respeitado por pertencer a uma igreja da cidade. No entanto, hoje ele percebe que sofre um preconceito velado, mas disse que não liga muito para isso.

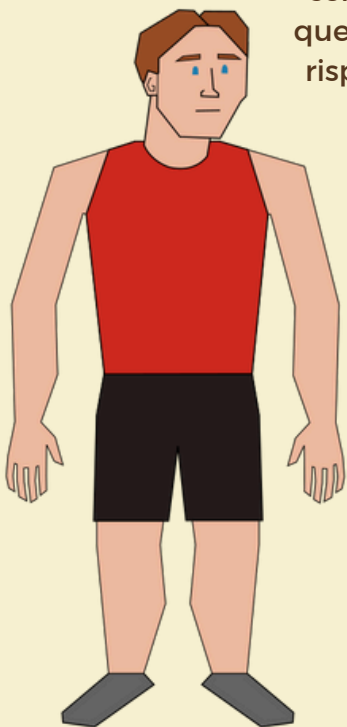
Mesmo não sendo vítima direta de preconceito racial, Hector não utiliza estereótipos raciais em suas interações sociais. Mas, por estar no meio do futebol, percebe o quanto isso é comum. Todos têm apelidos racistas. Ele relata que ouviu falar de casos e discriminação em sua escola, porém, nunca presenciou.

Hector percebe que o preconceito racial está ligado a fatores que vão além da cor da pele.



## Episódio 5: Não ser racista em uma família racista

Gerônimo já presenciou muitas atitudes racistas em sua jornada até aqui. No supermercado viu pessoas negras sendo tratadas diferente dele. Observou que essas pessoas são tratadas com mais rispidez. Já presenciou também pessoas da sua família usando estereótipos raciais para se referir ou para humilhar outras pessoas.



Quando pergunta o por quê do uso, eles dizem que não são racistas e culpam a época em que eles nasceram, pois geralmente são pessoas mais velhas. Ele relata que nunca testemunhou preconceito dentro de sua escola. Por mais que ele não tenha presenciado, ele acha que o combate deve ser mais intenso e partir de todos os profissionais de educação. Gerônimo tem a impressão de que o trabalho de conscientização contra o racismo é realizado por poucas pessoas, e que muitos não estão preocupados com esta pauta.

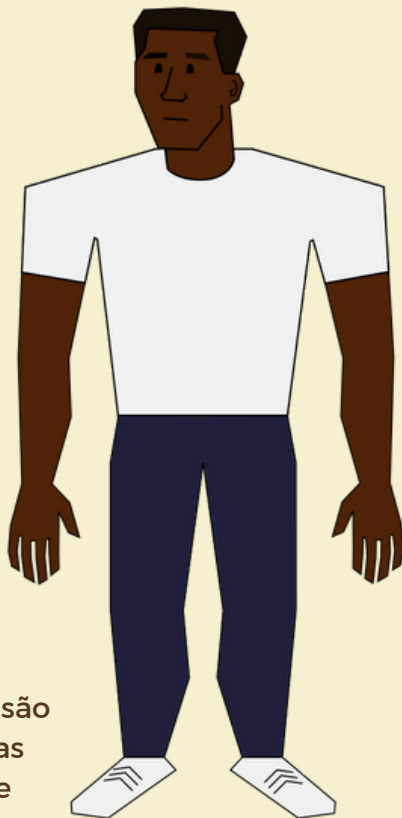
É possível ser antirracista em um meio racista? Gerônimo consegue provar que é possível sim.

## Episódio 6: Burlando a cota

João, um menino negro, se inscreveu para o curso técnico usando ação afirmativa para negros. Tinha um amigo que também fez uso do sistema de cotas para PCD e negro.

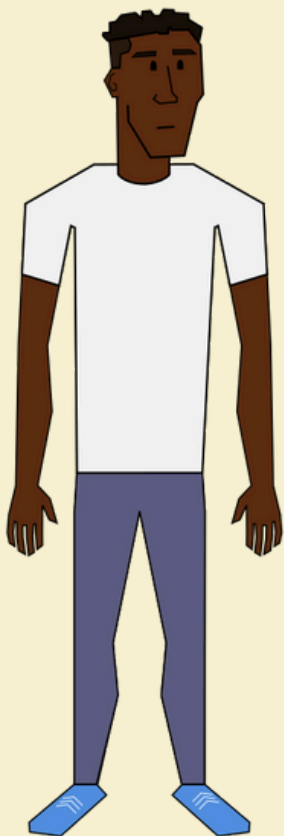
João conta que isso aconteceu na época da pandemia as inscrições eram on-line, porém ele não conseguiu ficar. Foi classificado, mas não se enquadrava realmente na categoria de cota que escolheu na inscrição.

As ações afirmativas são uma importante ferramenta de inclusão social e cidadania. Porém, muitas pessoas utilizam essa política de forma equivocada. Muitas pessoas são negras ou PCD quando lhe convém.



## Episódio 7: Racismo não verbal

Greg diz que nunca sofreu injúrias raciais, embora seja preto retinto. Porém, já foi vítima de discriminação.



Um exemplo foi quando estava passando na calçada com seu irmão percebeu que uma moça trocou de calçada. Em um outro episódio uma pessoa não aceitou sentar-se perto dele. Greg não aceita o uso de estereótipos raciais, só leva de boa entre amigos e desde que não seja pesado.

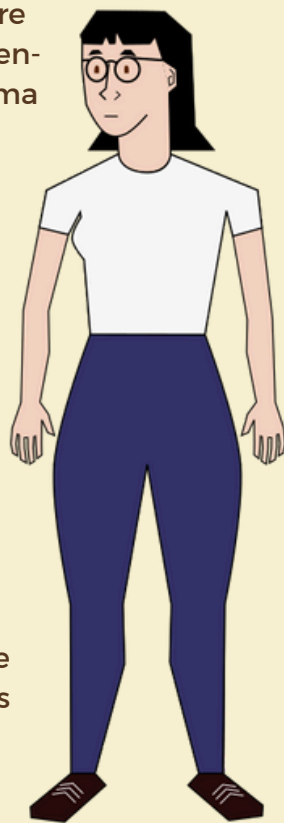
Ele relata que em sua escola há muito combate ao racismo através de um núcleo especializado que promove debates e palestras. Para ele, em sua escola, há um combate que não acontece em outras escolas.

## Episódio 8: Combater o racismo é um dever de todos

Pérola, em seu relato, diz perceber que em sua sala de aula já se tornou natural usar estereótipos raciais e que quem sofre com isso já até acha normal. Porém, entende que isso não deveria acontecer em uma sala de aula.

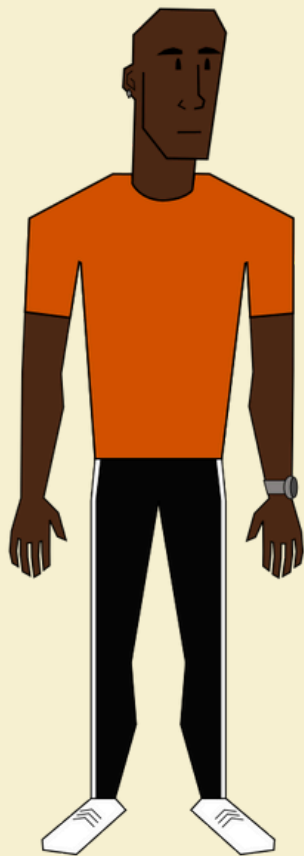
Ela acha que essas atitudes prejudicam a autoestima das pessoas. Ela tenta evitar ao máximo, pois não faz sentido discordar de uma coisa e não tentar evitar. Os colegas, muitas vezes, chamam os outros de “macaco”.

Sua escola trabalha bastante para conscientizar os alunos, mas isso está enraizado na sociedade e não vai ser fácil mudar. Ela participa bastante de palestras porque percebe que as pessoas brancas precisam de letramento racial e serem conscientizados para a promoção de uma educação antirracista.



## Episódio 9: Racismo casual

A mãe de Tayrone sempre trabalhou como doméstica e o levava para o trabalho. Lá, ele percebia que havia preconceito.



Na escola, ele diz usar estereótipos raciais em suas interações sociais e acha normal. Ele pensa que entre amigos íntimos deixa de ser estereótipo e vira brincadeira. Porém, não aceita esse tipo de brincadeira de uma pessoa desconhecida pela falta da intimidade e por não saber o limite dessas pessoas.

Ele comenta que reduziu o uso dos estereótipos para se referir às outras pessoas depois que começou a estudar em sua escola atual pois lá existe muita conscientização.

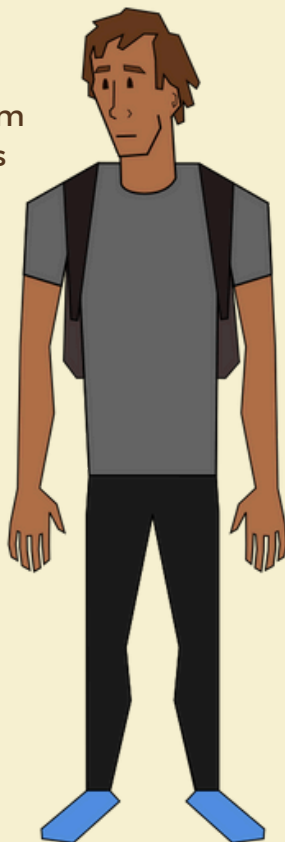
Na sua cidade, nunca sofreu racismo explícito, mas conta que quando foi para uma cidade maior ao entrar numa loja percebeu que tinha funcionários da loja o seguindo.

## Episódio 10: Pardo também sofre racismo?

Josias sofre **racismo velado**. Ele diz que quando faz compras as pessoas ficam vigiando e, ao sair de mochila, as pessoas sempre ficam desconfiadas.

Ele acha que o uso de estereótipos nas relações pessoais é possível e que seus familiares negros têm formas de chamar uns aos outros que podem ser consideradas estereótipos. Entretanto, ele pensa que somente em contexto de muita intimidade isso é possível.

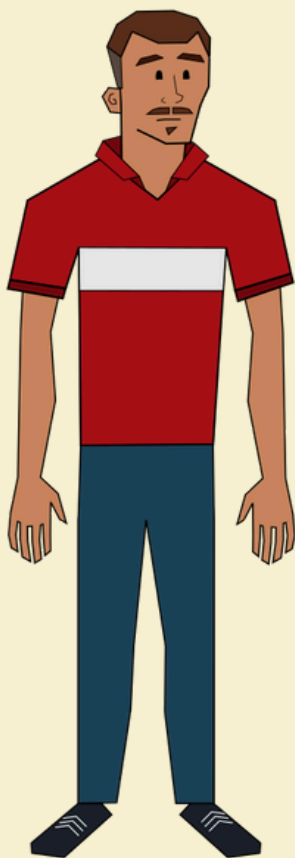
Josias conta ainda que em sua escola atual, os professores são muito respeitosos com os alunos. Ele é pardo e não tem uma percepção tão clara do preconceito. Por ser pardo ele sofre racismo, mas acredita que os pretos retintos sofrem com mais frequência.



**1: Racismo velado:** Racismo discreto e implícito que pode passar despercebido.



## Episódio 11: Sozinho na luta



Deoclécio, um professor pardo, relata que infelizmente acontecem muitos casos de discriminação racial na escola onde trabalha.

Às vezes, acha que está só nessa luta, que não é apenas dele, e sim de toda a comunidade escolar. Assim, sempre propõe uma forma de combater o racismo na escola.

Ele acha muito importante deixar expresso que o racismo ocorre e pode continuar ocorrendo nesse espaço escolar. Enquanto professor, observa que poucos são os aluno(a)s negro(a)s na escola onde trabalha, e quase inexistentes, os docentes negros. Alguns se autodeclaram apenas quando lhe convém, diz em seu desabafo.

## Conclusão

Este e-book é uma ferramenta para promover o respeito à diversidade, além de combater o **racismo estrutural** reproduzido nas escolas, muitas vezes de forma inconsciente. Desta forma, a escola poderá contribuir com a formação humana integral dos jovens, articulada aos processos com democratização e justiça social.

É necessário um envolvimento permanente dos agentes responsáveis pela mudança do ambiente educacional, para que de fato ele se torne inclusivo e igualitário.

Além disso, é preciso levar essa discussão para além do âmbito escolar, espalhando a conscientização em todos os lugares.

**2: Racismo estrutural:** Racismo naturalizado que permeia as estruturas e instituições da sociedade, enraizando um viés racista nas relações sociais.

ISBN: 978-65-01-13857-2

**CD**



9 786501 138572